FÓRUM INTERSINDICAL SAÚDE – TRABALHO – DIREITO

Boletim Informativo - Julho 2019 - ANO IV - Nº 47

Nesta edição

Editorial – Saúde do Trabalhador: uma fábula	1
Entrevista – Carmen Veronica Barbosa Almeida	2–4
Artigo do mês – Juliana Santos Monteiro	5–7
Perfil Sindical – A luta sindical na corda bamba	8
Trabalhadores Anônimos – Claudinha	9
Saúde do Trabalhador é ARTE	10–11
Informes	12

Saúde do Trabalhador: uma fábula

EDITORIAL*

**As pessoas não precisam ter muito.
Um pão pela manhã, alguma manteiguinha, leite, café e um largo sorriso lhe esperando. Se tiver um abraço, melhor ainda.
As pessoas não precisam ter muito desde que os que têm muito não lhes retirem o direito de ter um pouco.
As pessoas não precisam ter muito.
Uma casinha, meia e sapato, no frio agasalho, um arrozinho com feijão e um pedacinho de galinha no almoço. Ou carninha.
As pessoas não precisam ter muito desde que os que têm muito não lhes retirem o direito de ter um pouco.
As pessoas não precisam ter muito. Um tamborim, um violãozinho, amigos entrando e saindo de sua casinha sem perguntar se podem. Um carvãozinho queimando e sorrisos espalhados pelos cantos onde elas circulam.
As pessoas não precisam ter muito desde que os que têm muito não lhes retirem o direito de ter um pouco.
As pessoas, no fundo, não desejam ter mais do que precisam ter. No fundo, no fundo, elas querem ter o que elas têm direito a ter. Sorriso, uma frutinha ou um docinho de sobremesa, um sapatinho novo, uma blusinha, um amor eterno.
As pessoas não precisam ter muito desde que os que têm muito não lhes retirem o direito de ter um pouco.
As pessoas querem poder ir ao cinema, comer pipoca, pegar na mão do amor eterno e ver o sorriso esperado ao lado. De todos os lados.
As pessoas querem poder ter filhos risonhos e bochechudos, que possam ter uma escolinha, uma professorinha, a merendinha e não balas perdidas.
As pessoas querem que seus filhos risonhos quando ficam doentinhos possam ir a um servicinho de saúde e serem tratados com amor, carinho e aquele remedinho milagroso.
As pessoas querem que seus filhos sejam artistas de uma história com final feliz.
As pessoas não nasceram para ter muito até o dia em que os que têm muito lhes disseram que ter um pouco é pouco.
E que ter muito é muito pouco.
As pessoas que têm muito só não disseram que têm muito porque vivem da exploração dos que têm pouco.
As pessoas que têm muito são muito espertas.
Não querem ter pouco e por isso mentem para as pessoas que têm pouco, dizendo que elas têm muito e querem ter cada vez mais para que as pessoas que têm pouco possam ter mais como elas próprias têm.
Na saúde do trabalhador, a regra é a mesma.
Os trabalhadores não querem ter muito.
Pela manhã, chegar rapidinho no trabalho num transporte decente, onde possa trocar uma conversinha e exercitar seu primeiro sorrisinho do dia.
Ao chegar ao trabalho se tiver um abraço, melhor ainda.
Exercer o seu oficiozinho com carinho, sabendo que é respeitado.
Trabalhar no ritmo que seu corpo aguenta e saber que ninguém, ninguém, tirará seu sangue até a última gota.
E que ninguém lhe tratará como escravo até transformá-lo em coisa, e não em um ser humano dignificado.
As pessoas no trabalho não precisam ter muito desde que os que têm muito não lhes retirem o direito de ter um pouco.
As pessoas no trabalho aceitam um salariozinho, desde que ele seja suficiente para adquirir todas as coisinhas que fazem as pessoas serem respeitadas como pessoas.
As pessoas no trabalho não precisam ter muito para ter a sua saúde preservada, apenas que os riscos à sua saúde sejam eliminados ou, no mínimo, muito bem controlados.
Do pouco que elas querem, as pessoas no trabalho só querem que sua vida e sua saúde não sejam perdidas devido a processos e ambientes de trabalho que adoecem e matam para aumentar os lucros dos que têm muito.
As pessoas no trabalho não precisam ter muito. Só querem que o trabalho seja fonte de prazer e não de sofrimento.
As pessoas no trabalho não precisam ter muito desde que os que têm muito não lhes retirem o direito de ter um pouco.
As pessoas, no fundo, no fundo, bem no fundo, devem saber que a sociedade onde poucos, muito poucos, têm muito e a grande maioria, quase todos, têm pouco, muito pouco, ou nada, é uma sociedade profundamente injusta.
E que uma sociedade onde todos têm o suficiente, igualmente, é possível! E mais justa.**

■ ■ ■

***Os editoriais do Boletim expressam a opinião da coordenação do Fórum Intersindical e nem sempre a de todos os participantes. A cada reunião ordinária, os editoriais são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.**

Outras falas, falas novas

A fala da Saúde do Trabalhador

Nesta seção falam profissionais e militantes que ingressaram na saúde do trabalhador, após sua consolidação no Brasil, com a Constituição Federal/88. Os que chegam. É a vez deles e delas. Os que vão continuar a luta daqueles que povoaram a seção "A fala da Saúde do Trabalhador".

Carmen Verônica Barbosa Almeida

Esta é a minha entrevista para o Boletim do Fórum Intersindical, em 19/06/2019

Estamos em junho
época de ouvir um bom sanfoneiro,
do forró pé-de-serra, das fogueiras e do milho assado
da canjica, da pamonha, do xote das meninas
de falar em saúde do trabalhador
Em clima de festas juninas!

1. Como cheguei e mergulhei nesta área ou campo de atuação. Entrei na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) para cursar Psicologia, um tanto sonhadora na época, com 17 anos, achando que iria entender o comportamento humano, coisa que até hoje tenho dificuldades de entender (rsrs) e contribuir com a saúde mental daqueles que me buscassem. No ínterim do curso e já chegando no último ano, com meu primeiro filho com 4 anos de idade, Márcio (meu guardião), aí me perguntava "e agora José?". Comecei a ver que, naquele momento não estava preparada para enveredar pelas vias do inconsciente, subconsciente e consciente, me faltava maturidade profissional. Descartei a possibilidade de atuar na Psicologia Clínica (na qual agora estou retomando a vontade de trabalhar). Resolvi ir para um campo mais prático, a Psicologia do Trabalho, ainda voltada para as questões organizacionais. Sendo assim comecei a estudar uma das linhas, chamada de Análise Institucional, sob a orientação da Professora Fátima Catão. Chega então o momento do estágio supervisionado e a busca por um lugar para realizá-lo. É quando está se instalando, em João Pessoa, uma empresa de fabricação de calçados, tênis em específico, e a coordenação de estágio, com orientação da Professora Fátima me envia para essa Indústria. Passando por algumas situações, que relato na sequência é que percebi posteriormente que já *tinha um pé na Saúde do Trabalhador*.

Me deparo, no pré-estágio, com o conflito entre o que a formação tinha me preparado e o que mercado de trabalho tinha a oferecer, pois fui recebida por um Supervisor de Produção e logo depois da apresentação formal, ele me diz mais ou menos assim: "*preciso de uma pessoa para **domar** esses trabalhadores, eles não obedecem e são todos ignorantes, vindos do interior e não tem educação*". Foram palavras que me chocaram e comecei a pensar talvez seja esse o maior problema - a forma como são tratados -. Fui encaminhada para o conhecido chão de fábrica, onde me deparei com um grande galpão mal iluminado, sem ventilação, piso grosseiro, muito cheiro de cola, trabalhadores (homens) de bermuda, e sandálias abertas e camisa de malhas de mangas curtas (suas roupas de casa). Era um ambiente desagradável, sombrio, parecia as primeiras fábricas do Século XVIII /XIX que vemos em filmes, como em *Daens: um grito de justiça*. Logo, como não poderia deixar de ser tive o segundo choque. Voltando à sala da Supervisão, me foi perguntado o que eu poderia fazer e respondi, como boa acadêmica-graduanda: preciso preparar um plano de trabalho. E vem a segunda pergunta: "*mas vai começar como?*" Respondi: de acordo com a linha de trabalho que temos na UFPB, precisarei realizar grupos com os trabalhadores para conversarmos e aos poucos fecharmos um Diagnóstico Organizacional, mas é preciso um horário para que eu possa conversar com cada grupo que eu irei organizar.

Bom, para finalizar essa fase, foi a última vez que vi o supervisor da empresa e também ele não respondeu sequer à coordenação de estágio, dizendo que sim ou que não aceitaria a estagiária, no caso *yo* (eu).

Prossegui buscando o estágio e acabei indo parar numa maternidade pública e segui com o plano de Análise institucional, realizando entrevistas de grupo e conhecendo o processo e ambiente de trabalho daqueles funcionários, ouvindo as demandas e conflitos ali existentes. Concluí meu estágio apresentando o relatório à direção da maternidade e também aos funcionários, em uma reunião, com as conclusões que eu havia chegado, a partir das falas e diálogos com eles. Nessa altura do campeonato, já me formando, e trazendo junto comigo, ainda na barriga, minha filha Ingrid (minha pidona), me afastei das atividades acadêmicas. Retorno três anos depois, para fazer o curso de Especialização em Saúde do Trabalhador, pelo Centro de Ciências de Saúde/UFPB, coordenado pela médica e professora Tereza Mitsunaga Kulesza, referência na área da Saúde do Trabalhador (já entrevistada neste Boletim). Dessa data em diante não mais me afastei das atividade relacionadas à área. Segundo uma grande amiga, psicóloga do trabalho, do Hospital Universitário Lauro Wanderley - Nilma Uchôa -, com quem trabalhei como voluntária: "*Saúde do trabalhador é igual à cachaça, a gente se vicia*".

continua

2. Os saberes, a universidade e a saúde do trabalhador. No período em que faço essa especialização, começo a ter um maior envolvimento com outros grupos da UFPB que atuavam intrainstitucionalmente. Eram profissionais ligados ao setor *Estudos e Assessoria aos Movimentos Populares*, grupos ligados à Psicologia do Trabalho, Educação, Engenharia de Produção, Geografia, Ciências Sociais. Na sua maioria eram professores e funcionários da universidade que atuavam em projetos em comum - transversalidade - como entendemos que é a saúde do trabalhador. Nosso abrigo era o Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva/ /NESC e o Departamento de Promoção à Saúde/DPS (CCS/UFPB). Tínhamos, naquele momento o CERESAT (Centro de Referência de Saúde do Trabalhador) que era composto por essas várias pessoas de áreas diferentes e para onde vinham todas as demandas da comunidade e dos trabalhadores. O conjunto dos trabalhos realizados pelo CERESAT incluía o campo de estágio da residência médica, de graduandos de várias áreas e do PROSAT (Programa de Saúde do Trabalhador). Quero destacar o papel desses dois campos de atuação, na minha formação profissional e como pessoa. Nestes espaços foi um privilégio conviver com profissionais da mais alta responsabilidade, competência e humildade. São muitos para lembrar, além das já citadas Tereza Mitsunaga e Nilma Uchôa, ainda fui contemplada em fazer parte desses grupos com a participação da professora Glaucia Ieno (já entrevistada neste boletim), da professora Vera Amaral (já falecida), do professor Edil Ferreira, das psicólogas Leny e Bernadete Nunes, da comunicóloga Helena Serrano e da historiadora Socorro Borges, entre outr@s e pel@s quais tenho meu maior respeito e carinho. Foram cinco anos de atividades com esses grupos onde desenvolvemos trabalhos ligados à erradicação do trabalho infantil, trabalho rural e trabalho na construção civil. Com estes últimos fiz meu trabalho de especialização. Nesta tarefa tive como orientadores Milton Athayde e Hélder Pordeus, ambos também participantes dos grupos já citados. Nesse período meu trabalho era voluntário. Fui, então, aprovada em concurso no município de Conde (Paraíba), e no mestrado em desenvolvimento e meio ambiente. Nessa pós-graduação meu trabalho foi voltado para os trabalhadores rurais e o uso de agrotóxicos, tendo como orientador Paulo Adissi, também participante dos trabalhos que o CERESAT desenvolvia. A experiência acadêmica de trabalhar com grupos, com Educação Popular, trabalhadores de várias áreas, de trabalhar em equipe interdisciplinar foi alicerçada ao longo desse tempo, nessa etapa entre a especialização em saúde do trabalhador e a conclusão do mestrado.

3. Caminhando pela saúde do trabalhador - outros rumos, outros papéis. Já em 2003, trabalhei como técnica da Gerência Técnica de Saúde do Trabalhador, da Agência Estadual de Vigilância em Sanitária, a partir da qual, realizava trabalhos de Vigilância em Saúde do Trabalhador, com base na Portaria 3.120/98. Aqui minha parceira de inspeções era a incansável Djanira Lucena, brigona e insistente, com quem aprendi muito sobre *confiar-desconfiando,* quando se referia ao cumprimento das normas pelas empresas notificadas. Nesse espaço tive a oportunidade de cursar Direito Sanitário, pelo convênio com a ENSP/Fiocruz. Trouxe para o foco da Monografia o Direito à Saúde do Trabalhador, orientado pela Professora Maria Helena Barros de Oliveira. Nesse curso tive a honra de conhecer professores renomados a nível nacional e militantes do direito em saúde. Em uma das disciplinas tive a grata satisfação em aprofundar os conhecimentos em Vigilância em Saúde do Trabalhador com o Professor Fadel, meu mestre até hoje, amigo e meu co-orientador do Doutorado em Psicologia Social. A saúde do trabalhador e, mais especificamente, a Vigilância em Saúde do Trabalhador tornou-se cada dia mais presente no meu cotidiano profissional. Mas aí veio o desafio maior de Coordenar o Centro de Referência Regional de Saúde do Trabalhador em João Pessoa, onde fiquei por quatro anos (2006/2009), sendo sua inauguração ocorrida em 2007. Em 2010, assumo a direção do CEREST estadual, onde fico por dois anos. Em 2014 retorno ao CEREST João Pessoa, onde atuo no momento, assim como leciono na universidade desde 2011, discutindo saúde do trabalhador, em uma disciplina do curso de medicina. Quando a gente bebe da cachaça da saúde do trabalhador, onde a gente vai a gente leva a dose.

4. O que tínhamos é o que temos! Renast, Cerest e Multiplicadores de Vigilância em Saúde do Trabalhador.

A Rede - Renast - surge com um propósito importante em termos de articulação dos componentes e de um alinhamento do "o que fazer em saúde do trabalhador (ST)". Sabemos que a *iniciativa* teve essa proposta, mas também já podemos observar que como *acabativa* o processo vem ocorrendo longe de uma articulação entre seus pontos, ou, em outras palavras*, essa rede está furada*. As equipes da porta principal de entrada no SUS - a Atenção Básica/Primária -, respaldada pela justificativa do atendimento às inúmeras famílias e atividades, não compreendem que não se está acrescentando atividades.

Do ponto de vista da integralidade, *não estão realizando o dever de casa.* Logicamente que não aponto para os profissionais de saúde, como vilões, pois é notória a precarização, ausência de uma formação direcionada e politizada e a influência política de gestões comprometidas com o capital. Estas sim são elementos que conseguiram ser transversais na Rede de Saúde, perpassando inclusive outros âmbitos da Renast e do SUS, comprometendo fortemente o que num primeiro momento era uma perspectiva positiva. Mas, a Rede tem os Cerest?

Tem sim, com vários formatos e poucos resultados.

Muitas equipes foram e são formadas sem um critério em termos de perfil ou de formação. Quantos Cerest foram formados por técnicos indesejados em determinado local e/ou por transferência, devido a diversas situações?

Um Estado que é inócuo não vai se preocupar com essa pauta, e não foi por acaso que se passaram tantos anos até termos uma Política Nacional de ST somente em 2012.

continua

Carmen Verônica Barbosa Almeida

Consequentemente as gestões que assumem os CEREST a partir de suas secretarias de saúde, ficam comprometidas com interesses que não são os da implementação da saúde do trabalhador e muitas vezes, interesses até contrários. O que agrava mais ainda, e diminui as nossas expectativas são situações em que eu mesmo observei falas e ainda escuto sobre a participação social, e ainda me surpreendem, pois são tanto técnicos como gestores que utilizam a palavra "atrapalham" para se referirem ao papel das Comissões Intersetoriais em Saúde do Trabalhador (CIST) e ou sindicatos. E me pergunto, essas pessoas desconhecem o movimento da Reforma Sanitária e também o quanto os trabalhadores urbanos e rurais deram de sua vida para que chegássemos a ter uma Política de Saúde do Trabalhador.

E ainda, porque estão atuando nessa área? Na minha concepção são pessoas que não têm perfil para atuar junto a uma área complexa e na qual os profissionais jamais poderão desenvolver suas atividades, sem estarem em consonância com os movimentos dos trabalhadores e suas demandas de saúde. A Rede que se constrói de forma paralela, por interesses comuns, responsabilidades e cuidados com o outro percebo fortalecer os vínculos entre pessoas, profissionais comprometidos com a implementação da saúde do trabalhador e da Vigilância. ***É uma rede em que as pessoas que não têm perfil por si só se afastam, mas os que ficam querem atuar, estão buscando estratégias nos seus espaços de trabalho e junto às gestões falidas.*** Me refiro a essa rede virtual, mas viva, de multiplicadores de vigilância em saúde do trabalhador.

A participação se dá por uma pauta comum, não há remuneração, não há cargos, há o compromisso e a vontade em implementar as ações de Visat. Um caminho desafiador, que não temos a receita, mas algumas iniciativas sim, é a retomada dos encontros, grupos, comissões que possam envolver movimentos dos trabalhadores e outros movimentos da sociedade civil organizada. Sem a participação social, ***continuaremos a ter muita legislação e pouca legalização***, pouco cumprimento. E em tempos atuais em que temos direitos conquistados ***a duras penas indo pelo ralo abaixo, por assinaturas de decretos presidenciais. Precisamos nos movimentar.*** A ausência ou afastamento do movimento dos trabalhadores vem sendo uma perda irreparável para as ações que os CEREST precisam desenvolver, trazê-lo para perto se faz urgente. Acredito que o caminho é complicado e não é novo, já passamos algumas tempestades, mas sobrevivemos juntos, então estarmos juntos é preciso para sairmos mais uma vez da periferia da rede de saúde, para entrarmos nas pautas do SUS e ir em busca dos direitos à saúde que se perde a cada dia. Gostaria de encerrar essa conversa com um abraço forte e carinhoso, a todos os sindicalistas, trabalhadores, profissionais de saúde e outros, que resistem e não arredam o pé da defesa da saúde do trabalhador no SUS, que é a nossa saúde também! ■ ■ ■

AOS que CHEGAM
Alguém fez antes, antes dos que fizeram antes.
E, antes do antes, um antes mais também fez.
Agora é a hora dos que chegaram depois, e estão chegando.
Os que, em breve, serão os que vieram antes dos que depois virão.
Saúde do Trabalhador é assim. Enquanto não houver trabalho digno, o que veio antes valeu a pena e o que virá depois valerá mais ainda.
Que venham as outras falas, as falas novas.

Pichações no MURO da Carmen Veronica

Carmen é jogadora de basquete da Seleção da Paraíba. Do alto de seu um metro e meio é assim que ela se apresenta. E depois do espanto inicial ela acrescenta: "basquete de mesa". Desde que a mesa não seja muito alta, acrescento eu. Pós graduada em piadas, ganhou o Prêmio Internacional de Piadas de Harvard, no mesmo ano em que o Witzel (governador do Rio de Janeiro) se graduou por lá. A piada ganhadora foi aquela do japonês e o *Red Hot Chili Peppers*. Para fazer jus à Saúde do Trabalhador e à Nilma Uchôa, gosta de cachaça. Mas bebe com moderação (somente durante os cursos de multiplicadores). Depois que o curso acaba, nunca se sabe. E, entre tantas qualidades, Carmen tem duas, em especial: é confiável na causa que abraça e com aqueles que nela lhe acompanham; e é uma guerreira, de lança e espada afiadas contra as injustiças e a exploração no trabalho. Ave Carmen!

Fadel

Luciene, Carmen, Fadel 2017

Não seja uma mulher escalafobética. Seja uma Carmen: escalomorforeduzida, escaloafetivamente ampliada!

Luciene

Kleber, Carmen

Carmencita?
São tantas qualidades e defeitos que não cabem em seu tamanho. Segundo Ela eu não valho nada! Mas, ao andar com ela somos equânimes. Pois, diz o ditado: "Diga-me com quem andas..". Que te direi quantas cervejas levar! Se embriagar da ST tem dessas coisas: você se surpreende com "serumaninhos" que escondem valiosos tesouros. Na alma os seus olhos, o sorriso e a lágrima na luta em defesa da Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora que traz na história essa pequena-grande MULHER!

Kleber

Nos cursos básicos de VISAT que ministramos certifiquei-me que ela desperta as potencialidades do conhecimento, do saber e do interagir, adormecidos nos alunos, somando o conhecimento acadêmico com a experiência. Show!

Admilson

Encontro de Multiplicadores de Visat - Rio de Janeiro
Outubro 2017 - Carmen no destaque

Foto: Domitilo

artigo do mês

Proteção ao Trabalho X Proteção ao Trabalhador: a lógica da saúde e segurança do trabalho no período ditatorial brasileiro*

Juliana Santos Monteiro**

Ao refletir sobre políticas públicas relacionadas ao mundo do trabalho no Brasil, nos deparamos com legislações trabalhistas, regulamentações em diversas áreas advindas tardiamente, em períodos ditatoriais, e concebidas conjuntamente com o empresariado, por recomendações internacionais. Por ser um tema amplo e, portanto, complexo, o mundo do trabalho no Brasil, perpassa pelo processo de industrialização do país, no início do século XX. Questões como salários, previdência social, qualificação da mão de obra, condições de trabalho, regulamentação de direitos para o trabalhador, entre outros, estavam ligados à gênese deste contexto industrial brasileiro.

A saúde e segurança do trabalhador é um assunto em pauta tão importante quanto a relação entre geração de emprego e renda e o desenvolvimento econômico do país. Isto porque, não dá para dissociar este tema do próprio processo produtivo, já que a força de trabalho, ou seja, o próprio trabalhador deve estar bem e apto para o trabalho que exerce. Dessa forma, a concepção e a consolidação da política oficial voltada para a segurança e a saúde do trabalhador no Brasil estiveram vinculadas ao controle do Estado em dois períodos ditatoriais - Estado Novo (1937/1945) e Ditadura Civil Militar (1964/1985).

Segundo José Chasin, a constituição da burguesia brasileira, de forma hipertardia e ainda pela via colonial, gerou uma classe frágil em seu processo de autonomia e constituição do capital. Então. o Estado brasileiro teve a incumbência de tutelar esta classe social para cumprir um desenvolvimento econômico, sem a participação da população[1].

Assim, os períodos considerados de desenvolvimento econômico para a nação estiveram vinculados à tutela do Estado a esta frágil burguesia, que, além disso, sempre esteve associada ao capital estrangeiro em detrimento do capital nacional. O domínio deste Estado autocrático, por sua vez, ligava-se ao controle do trabalhador em meio às mudanças nas questões do trabalho. Daí a necessidade de períodos autoritários caracterizados pela repressão ao trabalhador e aos movimentos sociais. As questões da saúde e segurança do trabalhador estavam diretamente associadas a este processo de industrialização do país e a sua conjuntura capital-trabalho, já que era preciso controlar a força de trabalho (os trabalhadores), adaptá-la ao trabalho industrial para que a produtividade chegasse ao patamar desejado pelo empresariado.

A nítida preocupação da iniciativa privada na prevenção de acidentes e, portanto, na área da Saúde e Segurança do Trabalho não só estava diretamente associada ao aumento da produtividade, mas também aos custos que as perdas da força de trabalho geravam ao empresariado. Logo, a proteção ao trabalho era primordial para o empresariado e seu tutor, o Estado, em detrimento da proteção ao trabalhador.

A ditadura civil militar brasileira (1964/1985) esteve ligada diretamente no mundo do trabalho, em que as relações entre Estado e capital estrangeiro, personificado pelas multinacionais, tiveram mudanças significativas na questão dos acidentes de trabalho. A política de aumento da produtividade do governo ditatorial em conjunto com a iniciativa privada, por sua vez, destacou a prevenção de acidentes como carro chefe, juntamente com uma nova legislação acidentária, que visava à estatização do seguro acidente[2], enfatizando a tutela do Estado ante a burguesia nesse período.

Citações

1 - CHASIN, José. A via colonial de entificação do capitalismo. In: O Integralismo de Plinio Salgado: forma de regressividade no capitalismo Híper-tardio. 2ª ed. São Paulo: Ad Hominem/UNA, 1999. Disponível em: Verinotio - Espaço de Interlocução em Ciências Humanas, www.verinotio.org, acesso em 01/10/2012.

2 - FALEIROS, Vicente de Paula. Segurança do Trabalho x Segurança do Capital. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de Montreal (UM). Montreal, 1984, p. 59.

Coluna Opinião
Uma surpresa todo dia!

continua

Juliana Santos Monteiro

Nessa época, a meta do governo de atingir um crescimento econômico significativo implicava diretamente na precarização do trabalho, em todo o seu conjunto, incluindo as condições de trabalho, como a falta de equipamentos de segurança, os locais insalubres, o aumento excessivo das jornadas, o ritmo intenso, entre outros.

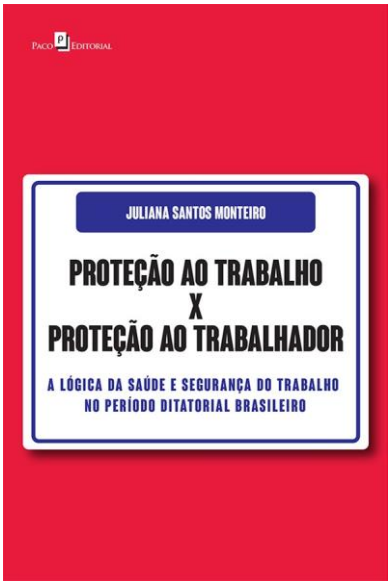
O fato fez com que o índice de acidentes e doenças do trabalho aumentasse de forma categórica[1], em todos os setores, principalmente aqueles ligados à infraestrutura, como por exemplo, a construção civil.

Ora, se o trabalhador era o protagonista da política ditatorial, tanto na esfera econômica (aumento da produtividade e crescimento econômico) quanto na esfera social (arrocho salarial e repressão), ele também protagonizava os discursos dos generais referentes à nova política de acidentes de trabalho. Esses discursos geralmente mesclavam tons de solidariedade e ameaça aos trabalhadores, que deveriam ser controlados pelo Estado.

Portanto, o Estado protegia o trabalho, ou seja, o aumento da produtividade para gerar lucro ao empresariado, no qual ele representava em detrimento ao trabalhador, que morria e adoecia no seu próprio trabalho devido às péssimas condições e à intensificação do trabalho. Infelizmente, essa lógica do período ditatorial permanece até os dias atuais, para aumentar o lucro das empresas, os trabalhadores sofrem na pele as reformas promovidas pelo Estado que continua representando somente os donos dos meios de produção.

Foi com o propósito de analisar esses distintos períodos que o livro *Proteção ao Trabalho x Proteção ao Trabalhador: a lógica da saúde e segurança do trabalho no período ditatorial brasileiro* (ver capa ao lado) foi elaborado. Nele se apresenta a função social das políticas públicas voltadas ao trabalhador a partir da origem e trajetória inicial da Fundacentro - Fundação Jorge Duprat Figueiredo de Segurança e Medicina do Trabalho -, criada em 1966, atuando junto ao extinto Ministério do Trabalho até o ano passado. A obra elucida os principais pontos da legislação acidentária e as propostas da educação prevencionista.

Vale a pena ler e entender esse processo no mundo do trabalho! ■ ■ ■



https://www.pacolivros.com.br/imagem/index/19901392/G/4627.jpg

NOTA

O livro ainda não se encontra disponível para leitura franqueada.
Assim que estiver disponível gratuitamente, a Coordenação colocará em seu acervo de livros para download.

Citação

1 - A edição n.º 16 do *Boletim Informativo Fundacentro* de abril de 1971, divulgou, em matéria de capa as estatísticas de acidentes de 1970, enfatizando um total de 1.220.111 acidentes, para 7.284.022 trabalhadores ativos, com 143.609.672 horas perdidas de trabalho. Esta matéria foi publicada com o objetivo de comprovar a importância da Fundacentro e demais órgãos prevencionistas, "*no sentido de dar sua contribuição ao pleno desenvolvimento nacional, conjugando a produção, o bem-estar e a saúde, bem como colocando a serviço do progresso a enorme potencialidade dos modernos recursos de segurança, higiene e medicina do trabalho*".

*** Texto elaborado a partir da dissertação de mestrado em História Social, apresentada na PUC.SP em 2013, intitulada "FUNDACENTRO – Função Social da Política sobre Acidentes de Trabalho no período ditatorial brasileiro (1966 a 1976), sob orientação da Prof.ª Dra. Vera Lúcia Vieira.**

**** Juliana Santos Monteiro é Doutoranda em História Social pela PUC.SP, com a temática Saúde do Trabalhador na América Latina, integrante do Centro de Estudos de História da América Latina (CEHAL) e professora da Universidade Brasil.**

Nota dos Editores

O artigo de Juliana Santos Monteiro reafirma uma postura invariável do capitalismo, especialmente após o advento da Revolução Industrial. Desde que os trabalhadores se tornaram "livres" como "vendedores" de sua força de trabalho no mercado, essa "liberdade" jamais os colocou em condições de igualdade com a classe dos "compradores". Mesmo nos países capitalistas "centrais", mais desenvolvidos na relação Capital X Trabalho, as eventuais conquistas da classe trabalhadora, no sentido de possuir maior quantidade de bens materiais, ocorreram sem sequer fazer cócegas na desigualdade de classe. Não é preciso recorrer ao pensamento marxista sobre a questão. Basta olhar. Vendedores da força de trabalho estarão sempre à mercê dos compradores, pois é destes últimos que emanam as regras da compra e venda. A desigualdade de classe tem alicerces profundos na política e na forma de ocupar os aparelhos de Estado que concretizam essas regras - parlamento, justiça, executivo - e na economia - os grandes compradores serão sempre cada vez maiores para "comprar" sempre mais -. Essa equação não fecha e não fechará. Daí, entra a discussão da Juliana. É nos períodos autoritários que a ocupação do aparelho de Estado tem a capacidade de acelerar os processos de concessões de normas trabalhistas para o bem ou para o mal. E qual é o "bem" ou o "mal", em matéria de saúde do trabalhador, para nos atermos ao tema específico do artigo? O "bem" é quando se fazem normas de proteção à saúde (somente para os vendedores) para garantir que os compradores continuem ganhando mais, ou seja, como se diz no jargão usual - o capital precisa garantir a reprodução da força de trabalho para garantir a sua própria reprodução -. E isso é um "bem" porque evidentemente é preciso haver normas de proteção à saúde. Mas, dessas normas brotam indagações. Elas são suficientes? Impedem os danos à saúde? Alcançam todas as situações potenciais de dano? São cumpridas? São feitas com o saber dos trabalhadores? São fáceis de mudar quando se mostram ineficazes? Respeitam a integralidade do trabalhador - corpo e subjetividade -? De qualquer modo, são conquistas, especialmente sabendo-se que elas são fruto da luta dos trabalhadores organizados. E o "mal"? Nos períodos autoritários qual o mal que se pode fazer com essas normas protetivas? Muito simples, meu caro Watson, afrouxá-las, revogá-las, relativizá-las, descumpri-las, não fiscalizá-las e vai por aí. Parece que a tentativa de revogar 90% das normas de saúde no trabalho está esperando só a hora da canetada. Mas, se não estamos num período autoritário, se estamos numa democracia, isso é possível? Watson, o amigo e comentador das aventuras de Sherlock Holmes, fica incomodado com a pergunta e pede p'ra falar. Aliás, antes que ele fale, é bom lembrar que ele obteve o título de Doutor na Universidade de Londres, em 1878. Como médico inglês, deve entender bem de normas de proteção à saúde no trabalho. Afinal, foi lá na Inglaterra que tudo começou. Fale meu caro Watson:...

Estamos numa democracy?

■ ■ ■

NOTA dos EDITORES

A produção acadêmica de textos, ditos científicos, não é acessível ao cidadão 'comum'. Os milhares e milhares de textos produzidos e armazenados em revistas científicas, todos os anos, são lidos apenas entre os pares, ou seja, entre os mesmos que os escrevem. Ficam armazenados nas estantes de uma 'ciência' hermética, discriminatória e descolada da sociedade que, para ser conhecida do público, tem que ser traduzida nos jornais, revistas 'leigas', boletins, televisão, blogs, vídeos da internet, no boca-a-boca. No caso da saúde do trabalhador, essa situação é mais grave, pois o que se escreve sobre o tema deveria ter como alvo principal de divulgação, ora pois, os trabalhadores! Não é o que ocorre. Revistas 'científicas' que tratam da saúde do trabalhador não são "para o bico" dos trabalhadores comuns. E, cada vez mais, são cada vez menos "para o bico" dos próprios pesquisadores da saúde do trabalhador. São muitos os obstáculos para que nós, acadêmicos, professores, militantes, profissionais da saúde do trabalhador consigamos publicar em revistas 'científicas'. Os julgadores dos textos são rigorosos, cujo rigor, guardado pelo anonimato, é de credibilidade duvidosa. Querem mudar conteúdo, questionar opiniões, mudar o método, mexer na alma do que está escrito. Além disso, revistas 'científicas' cada vez mais cobram para publicar, exigem tradução para o inglês, levam meses e até anos para dar respostas se aceitam ou não o artigo que parece ser tido como uma ameaça para uma estética científica de caráter dúbio e que não está preocupada em massificar e democratizar o conhecimento produzido. É com este espírito de resistência que a seção de artigos do Boletim do Fórum Intersindical pretende ser um espaço aberto e democrático de reflexão e difusão de conhecimentos. Mande seu texto. Participe!

PERFIL SINDICAL

A luta sindical na corda bamba

Justiça seja feita. Até a Revolução Industrial, lá pelos idos do século 18 (anos 1700), os trabalhadores e trabalhadoras - aqueles/as que produziam tudo aquilo que os ricos consumiam: a comida, as roupas, as armas, os brasões, as joias, as porcelanas, as pinturas, os castelos, as igrejas, as coroas, os tronos e os móveis, e ainda limpavam o cocô dos barões, dos reis, dos puxa-sacos agregados, limpavam seus penicos, massageavam seus pés, abanavam suas peles e produziam os perfumes para suas carcaças fétidas e serviam, muitas vezes, de pasto sexual para príncipes e princesas - eram homens e mulheres despossuídos de sua humanidade. Objetos. Descartáveis. Escravos, servos, lacaios, pajens, serventes, serviçais, criados e, enfim, seres sub-humanos, desgraçados... sem voz, sem organização. Sem morrer espancado/a não havia nenhuma perspectiva de olhar no olho de seu senhor e/ou senhora e, como assinalava Millor Fernandes sobre aquela expressão clássica *"e sua maravilhosa e reforçadora derivação"*, dizer alto e bom som: VAI TOMAR NO OLHO DO SEU CU! Rebeliões se houvessem eram esmagadas como se esmaga baratas, mulheres ousando falar alguma coisa?: bruxas – fogueira! Homens valentes se indignando?: forca, empalação e esquartejamento.

Justiça seja feita. A Revolução Industrial, depois de séculos e séculos de ignomínia, começou a mudar essa catástrofe humana. Digamos que "humanizou" a catástrofe. Ao criar trabalhadores "livres", "livres" para vender a sua força de trabalho, a nobreza - os mesmos de sempre - junto com a burguesia mudaram a forma de esmagar os despossuídos.

Descobriram que esmagar seres humanos como se esmaga baratas gastava a sola das botas salpicadas de ouro. O ouro extraído das minas pelos escravos de sempre. E resolveram mudar a estratégia de dominação e expurgo da alma dos despossuídos. Criaram o contrato de trabalho. Como não podia deixar de ser, a Igreja deu sua mãozinha. Antes, mandava queimar as mulheres trabalhadoras, chamando-as de bruxas, agora, mais civilizadamente, aceitava colocá-las nas novas fábricas com seus filhos. Afinal, eram, enfim, "livres". Mas, justiça seja feita, o contrato de trabalho - a invenção da burguesia industrial junto com a nobreza e o poder político - abriu a possibilidade de lutar. E a luta passou a ser legitimada pelos próprios inventores. Para eles - os burgueses, os nobres, os poderosos - o contrato de trabalho era a prova de que eles eram justos e que já não se esmagariam mais seres humanos com as botas, como se baratas fossem. (Eles sabiam que o esmagamento agora se tornava uma coisa abstrata, sob a forma de uma norma, um papelzinho, uma lei, um documentinho). O que eles não sabiam é que o contrato de trabalho seria, enfim, o eixo de organização dos trabalhadores para lutar por dentro dele.

E aí nasce o primeiro sindicato (1825), na Inglaterra (Manchester) e, logo, logo, o fogo se alastra igual buscapé em festa junina. De lá p'ra cá, passaram-se quase duzentos anos. Não há dúvida que o contrato de trabalho foi sendo aprimorado nessa luta incessante entre eles - os inventores - e nós os "agraciados". Foi sendo aprimorado não porque eles quisessem, mas porque seus pescoços começaram a sentir o aço frio da espada. Em todos esses anos, eles - chamados atualmente de detentores do capital - na luta entre capital e trabalho (devido a uma coisa que antigamente se chamava de luta de classe e que agora eles acham que já não existe), começaram a perceber que às vezes era melhor ceder em "coisinhas". Durante esses duzentos anos eles entoaram o mantra: "*Melhor perder alguns anéis - ficam os dedos*".

E foram nos cozinhando nesses dois séculos.

Ocorre que há pouco mais de 30 anos descobriram uma nova fórmula de esmagar as baratas sem gastar a sola das botas salpicadas de ouro.

Esmagar com a desinvenção do que eles haviam inventado: acabar com o contrato de trabalho.

Esse é o projeto d'eles.

E assim está sendo feito. Inventaram vários nomes para justificar essa desinvenção do que eles mesmos haviam inventado. Começaram com REENGENHARIA, REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA, mas depois:

FLEXIBILIZAÇÃO OTIMIZADA GLOBAL;
QUALIFICAÇÃO REESTRUTURANTE;
AJUSTE OTIMIZADOR FLEXIBILIZANTE;
REESTRUTURAÇÃO GLOBAL QUALIFICANTE AJUSTÁVEL;
HIPER-REAJUSTAMENTO QUALIFLEXIGLOBAL NEOPOSICIONÁVEL;
PRODUTIVIDADE HIPERFLEXI-REESTRUTURATIVA;
FLEXNEOHIPER-UBER-APUTAQUEOSPARIU...

Ouviram Caetano: o avesso do avesso do avesso.

É isso: eles estão nos virando do avesso.

E vamos ficar aqui calados? ■ ■ ■

O Fórum Intersindical, por meio de seus componentes, convoca para uma reunião extraordinária no Sindicato dos Bancários - Avenida Presidente Vargas nº 502 – 21º andar, no dia 12 de julho, 6ª feira, às 10 horas, para estabelecer estratégias intersindicais de enfrentamento do desmonte da saúde no trabalho e de articulação com os movimentos sociais de lutas emancipatórias pela saúde e direitos humanos.

Trabalhadores Anônimos

Dando Visibilidade às Identidades Sociais

Claudinha: congelados com calor sabor e amor, a domicílio

Foto: Rosangela Gaze

Cláudia Maria Silva Medeiros de Araújo - Claudinha (como se apresenta) -, de 49 anos e natural de Fortaleza/CE, veio p'ro Rio aos 9 anos com a mãe e oito irmãos, trazidos de dois em dois. "*Não havia dinheiro para que todos viessem ao mesmo tempo.*" Começou a trabalhar aos 21 anos em pensão cuja dona ofereceu-lhe moradia nos fundos. Três anos depois, pelo falecimento dessa patroa, trabalhou em loja de tortas até os 30 anos, empregando-se como doméstica com carteira assinada durante 15 anos. Precisou parar devido à Síndrome do túnel do carpo / DORT [doença osteomuscular relacionada ao trabalho] decorrente de lesões por esforços repetitivos, cujas dores intensas e resistentes culminaram em depressão. "*Só quando encontrei incentivo de professor num grupo de dança voltei a viver. Às vezes há apresentações na lona cultural. Sempre amei danças, adoro dançar, minha vida é dançar...*"

Com a autoestima recuperada, há quatro anos, começou a produzir congelados por conta própria, com o apoio da ex-patroa na divulgação do novo negócio, para quem continua cozinhando refeições para congelamento. Conheci Claudinha e seus congelados por indicação de antiga porteira do prédio onde moro. Na época eu vivenciava intensas dores por Chikungunya, que foram amenizadas pela simpatia, sorriso, dedo de prosa e refeições saborosas de Claudinha ao entregá-las pessoalmente. A vida corrida torna este serviço confortável e imprescindível aos que moram sozinhos em grandes centros urbanos. Muitos trabalhadores/as têm este sonho e há quem acredite que o microeempreendedorismo seja fácil.

A rotina de trabalho de Claudinha é árdua. Visando atender à diversidade de paladares, opções e restrições dietéticas, a cada sábado elabora três cardápios ("*Funcional, Maromba e LowCarb*"), divulgando-os pelo *WhatsApp* com orientação aos clientes de efetuarem as solicitações até a manhã das 2ªs feiras. Entrega os pacotes congelados, transportados em recipientes térmicos, aos sábados (Ilha do Governador, onde mora) e às segundas (outros bairros), respectivamente com *motoboy* e *uber*, retornando de transporte público. Nas tardes de segunda, compra os acessórios e elabora lista de compras segundo as encomendas (para evitar desperdício de perecíveis). Terça de manhã é do sacolão; a tarde é do mercado e preparo de temperos. Na quarta e na quinta, cozinha das 7 às 23 horas. Quando tem muitos pedidos, contrata ajudante. Uma das filhas a auxiliava mas não deu certo. Agradece, comovida, à sobrinha do coração e à segunda filha.

Às sextas cozinha nas casas dos clientes. Produz cerca de 150-300 quentinhas por semana. "*A maior desvantagem desse trabalho é a incerteza; períodos de férias e feriadão atrapalham bastante. Sinceramente prefiro trabalhar nas casas porque as quentinhas não dão muito lucro, é preciso um cardápio variado, caro.*" Claudinha tem três filhos (duas meninas e um menino de 18 anos do último casamento) e uma neta. Começou a ajudar na renda familiar no segundo filho, vendendo roupas de cama, bijuterias etc. nas proximidades de casa. O marido é lancheiro em rede de *fast-food* e às vezes ajuda com a louça. "*Estudei até a 4ª série do Fundamental. Tenho muita vontade de continuar mas não posso.*"

Ao mostrar-lhe o Boletim Intersindical do Fórum Saúde-Trabalho-Direito no BLOG www.multiplicadoresdevisat.com, Claudinha comoveu-nos: "*Vou sair nisso daí? Nem acredito! É muita honra!*"

Trabalhadora, a honra é nossa em aprender com sua luta cotidiana! ■ ■ ■

> ***Você só faz bem feito se fizer com amor, por dinheiro não dá certo.***
> ***Danço e cozinho e sonho em continuar dançando e cozinhando com muito amor.***
> ***Claudinha***

Entrevista concedida à Ana Carolina Souza Alves e Rosangela Gaze em maio de 2019

A invisibilidade social dos trabalhadores é patente. Seu adoecimento e sua morte ao produzirem os bens e os produtos de consumo que movem a sociedade e a vida, em si mesma, não constam da embalagem. Não está no rótulo do que comemos e usamos que, para chegar em nossas mãos, adoeceram 'x' trabalhadoras, morreram 'y' trabalhadores. A doença e a morte rondam o trabalho. Mas não as vemos. Então, o problema é o trabalho? Claro que não! Sem o trabalho não há vida, não moraríamos, não vestiríamos, não comeríamos, enfim, não seríamos o que somos. E se a invisibilidade da relação saúde-trabalho é evidente com os trabalhadores que têm uma inserção social mais visível, com os trabalhadores anônimos a situação é ainda pior. Trazer à tona suas identidades sociais é o propósito desta coluna do Boletim Informativo. Contribua com ela. ■ ■ ■

Saúde do Trabalhador é ARTE

Saúde do Trabalhador é ARTE é a seção do Boletim que busca demonstrar que trabalhar sob o jugo da opressão, da discriminação e da exploração é arte. É pura arte trabalhar, onde quer que seja, para construir um mundo em que somente os que detêm os meios de produção, em conluio com um poder político que lhes sustenta, destrói a saúde dos que lhes enriquecem. Arte pura! Da capacidade de sermos artistas extraímos a capacidade de resistir e sonhar com um mundo em que a Arte pertença apenas àqueles que a fazem.

O ente do trabalho

Trabalho indecente
Risco crescente
Ambiente pungente
Trabalhador doente.

Produção imprudente
Patrão negligente
Acidente iminente
Vida cadente.

Violência latente!

Política descrente
Norma incompetente
Realidade intransigente
Mundo insolente.

Trabalhador valente
Atuação combatente
Trabalho potente
Saúde vivente.

Luta presente
Ação semente
Conquistando gente
Seguimos em frente!

Leandro Vargas Barreto de Carvalho
18/06/2019

Essa gente

Essa gente boa, gente simples,
gente trabalhadora.

Gente que o coração agradece.

Gente que ri de coisas com graça
e até sem graça e ri de graça.
Gente diferente dos engravatados
de sempre. Os que dão as cartas.
Mas
Essa gente boa, gente simples,
gente trabalhadora.

Gente que o coração agradece.

Gente que ri de coisas com graça
e até sem graça e ri de graça.
Quer ficar rica, quer entrar
no sistema.
Gente ingênua, essa minha gente.
Não sabe o que lhe espera.
Miséria.

Domitilo de Andrade
16/04/2019

documentário duração: 32m 25s

Mulheres das águas

de Beto Novaes

(Coordenação de pesquisa - Carlos Minayo-Gomez)

Disponível no nosso Blog
www.multiplicadoresdevisat.com
(Seção Documentários)

Um retrato da vida e da luta das pescadoras nos manguezais do Nordeste do Brasil.
O modo de vida e a sobrevivência de suas famílias estão ameaçados pela poluição de grandes indústrias e pelo turismo predatório, causadores de danos ao ecossistema.
O documentário destaca o engajamento e a resistência dessas mulheres em busca da preservação e demarcação dos territórios pesqueiros, manutenção e ampliação dos seus direitos sociais, melhoria das condições de trabalho e da saúde.

Comentário da Coordenação

A par da crítica aguçada do modelo de desenvolvimento, as bravas mulheres dessas águas nos dão uma lição de sabedoria, ética e organização para a luta política e econômica contra o capital predatório e desumano. É um filme que devia ser obrigatório para todos aqueles que militam e pesquisam sobre as relações saúde-trabalho-ambiente, os direitos humanos e os movimentos sociais.

■■■

POSIÇÃO

Em meio à tempestade que paira no ar
No meio da mais rude ventania
Que posição devemos tomar,
O que o sábio mais sábio nos diria?

Diria que devemos caminhar
Cravando as unhas num só intento
Que é preciso toda a força juntar

E fazer face ao desalento

Adalberto Afonso (2019)

O [...] geógrafo palmilha as paisagens, detalha as formas sinuosas do relevo, tateia amiúde o cotidiano e compreende a organização dos territórios pelo crivo das desigualdades sociais. [...] caminha com os pés na terra, os olhos nos horizontes e as interrogações entranhadas na realidade social, política, cultural e econômica de cada lugar. [...] transcende os sentidos [...] tem intimidade com a liberdade, a aprendizagem e o amor, como Fernão Capelo Gaivota.

Ricardo Gonçalves - Coluna Opinião - 20/06/2019

Contribua. Participe. Envie sua foto, seu vídeo, seu poema, seu texto, sua crítica, faça sua arte para registrar sua indignação com a forma como se trata a saúde dos trabalhadores no Brasil.

continua

Saúde do Trabalhador é ARTE
Sem perder a capacidade de LUTARTE

Saúde do Trabalhador é ARTE

Wederson Moraes

Jovem artista plástico, Wederson passou 4 meses no povoado de Pasmadinho, no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais. Conhecida como uma das regiões mais pobres do Brasil, suas casas muito simples receberam a magia das cores de Wederson. As 130 casas pintadas no período levaram as cores e as imagens de suas fachadas para os sorrisos das pessoas do lugar. E um pouco de dignidade...

"Ao deparar-me com o semiárido e a vegetação ressequida deste ecossistema, a primeira impressão que tive era que seria impossível viver ou extrair alguma coisa dali. No entanto, lá estavam as casas e as pessoas, nos lugares mais inacreditáveis! E isso me mostrou o poder de adaptação do ser humano."

"Tenho falado aqui, com certa ênfase, da participação das crianças na elaboração e confecção das pinturas, e como isso as tem motivado. É muito importante, no trato com as crianças, atribuir-lhes papéis de protagonismo e confiança, visto que muitas vezes subestimamos sua capacidade criativa ou de organização, conferindo-lhes responsabilidades muito simplórias. As crianças não são bobas, e não adianta delegar-lhes atividades aleatórias, no propósito de ocupar-lhes com meras distrações! Elas gostam de ver-se em posição de importância de colocar a estrela da árvore de natal! Ter uma participação significativa, em qualquer acontecimento, é uma forma de afirmar-se ao mundo, e reconhecer-se como ser humano ativo na dinâmica da sociedade. Para tanto, é preciso que nós adultos tenhamos apenas paciência, no que se refere a respeitar seus processos e atender-lhes as constantes dúvidas."

"Uma vez que as pessoas do Vale aprenderam a lidar com o pouco oferecido pela terra seca, e a domarem esta natureza quase hostil, sabem o sabor de cada manga nascida no pé. E o valor de cada ovo botado por uma galinha, cada cria de alguma criação, cada melancia nascida na rama. Não há o esbanjamento inconsequente e dispendioso observado nas cidades ou locais farturentos. Nem o desdém proveniente dos excessos. A vida, por ser simples, consegue ter um sentido que muitas vezes todas as conquistas da ambição desenfreada não conseguem preencher. A água aqui é celebrada, bebida com alento, e senti-la entrando nas veias é uma sensação inexplicável! O gosto de cada refeição, cada fruto, é deliciosamente perceptível e palatável..."

"Se você é do tipo que equipara riqueza com o conjunto de bens que se tenha ou se acumule, continuará achando o Vale do Jequitinhonha pobre. E ao conhecê-lo, achará que pobre ainda é pouco! Mas se você aprendeu o valor (imensurável) dos pormenores, das coisas consideradas triviais, da grandeza do simples, da suficiência das pequenas coisas, conhecerá um lugar maravilhoso, repleto de beleza e riqueza em cada detalhe."

Todas as citações aqui expressas (em azul) são de Wederson Moraes. Para saber mais sobre ele e sua linda obra, clique em:
http://wedersonmoraesartista.blogspot.com/
https://www.youtube.com/watch?v=MizC8CcEbdw

INFORMES

Marielle PRESENTE

https://www.pstu.org.br/repudio-ao-assassinato-da-vereadora-marielle-do-psol-rj/

Fórum Intersindical
Democracia participativa pela saúde no trabalho

PRÓXIMA REUNIÃO do FÓRUM INTERSINDICAL
Dia 26/07/2019 - 6ª feira - 09:00 às 13:00h

Oficina Temática:

Vigilância e Informação em Saúde do Trabalhador

(Aula do VI Curso Intersindical - 2019)

Aspectos políticos, legais, éticos, técnicos, institucionais, sindicais, epidemiológicos, metodológicos, ideológicos, revolucionários e transformadores.

Fundação Oswaldo Cruz
(Prédio da Expansão)
Av. Brasil, 4036, sala 905, Manguinhos
Pista de subida da Av. Brasil, direção Zona Norte

Fórum Intersindical
FormAÇÃO
InformAÇÃO
TransformAÇÃO
AÇÃO

Acompanhe a COLUNA OPINIÃO na página frontal superior do Blog www.multiplicadoresdevisat.com

Nela você se atualiza diariamente com os temas de interesse da saúde do trabalhador, saúde ambiental, direitos humanos e movimentos sindical e social.

São mais de 50 colunistas com experiência e militância nessas áreas. Dê sua opinião sobre as matérias e sugira novas.

Reunião do Fórum Intersindical em 28/06/2019 - Oficina Temática: Doenças Relacionadas ao Trabalho com René Mendes (no destaque)

A Reunião Ordinária do Fórum Intersindical, realizada no dia 28/06/2019, contou com a exposição de René Mendes (no destaque) falando sobre as Doenças Relacionadas ao Trabalho. Estiveram presentes representantes de sindicatos dos metalúrgicos, bancários, petroleiros, previdenciários, policiais civis, telecomunicações, saúde, motoristas, servidores públicos, membros de Cerest, universidades do Rio de Janeiro, alunos da especialização de ST do Cesteh/ENSP e, entre outros, servidores da Fiocruz.

ATENÇÃO
VI CURSO INTERSINDICAL
SAÚDE-TRABALHO-DIREITO

O curso é oferecido para dirigentes ou pessoas indicadas de instituições sindicais e representativas de trabalhadores. A critério da coordenação poderão ser aceitos alunos e profissionais que estejam trabalhando com o tema do curso. As aulas ocorrerão nas últimas sextas-feiras do mês (iniciando cada módulo na Oficina Temática do Fórum Intersindical) e nas primeiras sextas-feiras do mês seguinte dando continuidade ao tema.
As aulas iniciaram no dia 29/03/2019, mas o curso é modular e aberto.

Inscrições
cursointersindical@gmail.com
Acompanhe a programação pelo Blog www.multiplicadoresdevisat.com

ATENÇÃO!
Se você tem interesse em escrever um texto sobre saúde do trabalhador para a nossa seção artigo do mês entre no blog www.multiplicadoresdevisat.com e envie!!

Alessandro Furtado
in memoriam

ENVIE suas FOTOGRAFIAS sobre SAÚDE do TRABALHADOR para o nosso Boletim www.multiplicadoresdevisat.com

Coordenação:
Luciene Aguiar (doutoranda Ensp/Fiocruz)
Isabella Maio (bolsista)
Marcel Caldas (operador de mídia)
Renato José Bonfatti (Cesteh/Ensp/Fiocruz)
Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos (Dihs/Ensp/Fiocruz)

Fórum Intersindical de Formação em Saúde-Trabalho-Direito para a Ação em Saúde do Trabalhador
Av. Brasil, 4036, sala 905, Manguinhos - CEP: 21.040-361
Rio de Janeiro - RJ - Telefone: (21) 3882-9222/9223
forumintersindical@gmail.com